

# Por entre arquivos, memórias e esquecimentos: a documentação da obra de Mário Di Lascio

Filipe Valentim Afonso\*

**Resumo** Este artigo aborda a produção residencial do arquiteto paraibano Mário Glauco Di Lascio (nascimento em 1929), na cidade de João Pessoa (PB) entre 1957 e 1979, tema explorado por uma dissertação de mestrado. O objetivo é discutir os processos metodológicos da documentação de sua obra e de escrita de sua biografia, partindo de uma montagem de dados procedentes de variadas fontes, incluindo arquivos públicos e privados, testemunhos materiais e depoimentos orais. O texto organiza-se em três etapas complementares: a pesquisa no arquivo morto (a caça ao tesouro); no arquivo vivo (a vida e morte dos documentos); das fontes orais (os contadores de histórias). Afinal, discute-se como estes levantamentos fornecem pormenores que, quando devidamente explorados, enriquecem a trama sobre o arquiteto.

*Palavras-chave:* documentação, biografia, arquitetura residencial.

## Entre archivos, recuerdos y olvidos: la documentación de la obra de Mario Di Lascio

**Resumen** Este artículo abordará la producción residencial del arquitecto Mario Glauco Di Lascio (nacido en 1929), en la ciudad de João Pessoa (PB) entre 1957 y 1979, tema explorado por una tesis de maestría. El propósito del texto es discutir los procesos metodológicos de documentar su trabajo y escribir su biografía, a partir de un ensamblaje de datos de diversas fuentes, incluyendo archivos públicos y privados, evidencias materiales y testimonios orales. La estructura de este texto pasa por tres pasos que se complementan: la investigación en el archivo; en el archivo vivo; en las fuentes orales. Al final, tratamos de explicar cómo estas diferentes fuentes pueden aportar detalles subjetivos que, bien explorados, contribuyen al enriquecimiento de la trama sobre el arquitecto.

*Palabras clave:* documentación, biografía, arquitectura residencial.

## Among files, memories, and forgetfulness: the documentation of the work of Mario Di Lascio

**Abstract** This article deals with the residential architecture produced by the architect Mário Glauco Di Lascio (born in 1929), in the city of João Pessoa (PB) between 1957 and 1979, theme of master's degree thesis. The goal is to discuss the methodological processes of documenting his work and writing his biography, starting from an assembly of data from various sources, including public and private archives, materials evidence, and oral testimonies. The text is organized in three steps: the survey in the dead archive; the survey in the living archive; in the oral sources. At the end, it is explained how these different procedures provide details that, when properly explored, contribute to the enrichment of the narrative about the architect.

*Keywords:* documentation, biography, residential architecture.

**E**ste artigo irá tratar sobre um objeto de estudo bem delimitado: a produção da arquitetura residencial, resultante da atuação do arquiteto paraibano Mário Glauco Di Lascio (nascimento em 1929), na cidade de João Pessoa (estado da Paraíba) entre os anos 1957 e 1979, tema este, explorado por uma dissertação de mestrado. A proposta do texto é discutir os processos metodológicos da documentação de sua obra e de escrita de sua biografia, partindo de uma montagem de dados oriundos de variados tipos de fontes documentais, incluindo arquivos públicos e privados, bem como, testemunhos materiais e depoimentos orais.

Para explicar a necessidade do registro da atuação deste arquiteto, pode-se averiguar na historiografia da arquitetura moderna na Paraíba, em particular a partir da década de 1950, uma recorrente citação a alguns arquitetos, cujas trajetórias profissionais individuais ainda não foram estudadas em profundidade. São frequentes nomes como Mário Glauco Di Lascio, Tertuliano Dionísio, Leonardo Stuckert, Carlos Carneiro da Cunha, Pedro Dieb, Antônio e Berenice do Amaral – arquitetos locais ou radicados em João Pessoa, os quais não foram alvo de investigações específicas, embora tenham deixado contribuições relevantes no contexto paraibano.

Dentre os profissionais citados acima, a obra de Mário Di Lascio parece se sobressair – sendo a mais mencionada nas pesquisas panorâmicas desenvolvidas por pesquisadores locais. Talvez por ser a mais profícua e multifacetada, envolvendo as atividades de projeto arquitetônico, urbanístico e docência. Atestando sua relevância, em 1988, Di Lascio foi entrevistado por José Wolf em matéria da Revista AU Arquitetura Urbanismo, nº 19, cujo texto discorria sobre as ressonâncias da modernidade dos anos 1980 na produção arquitetônica “na terra do sol”. Na reportagem, foi o primeiro de outros quatro arquitetos entrevistados, sendo apresentado da seguinte forma: “Responsável pela implantação do Curso de Arquitetura e Urbanismo em João Pessoa, é considerado pelas novas gerações um Artista do Nordeste [...]” (WOLF, 1988, p. 66). Tal comparação deve ser relativizada, considerando as devidas proporções locais, porém assinala a importância de Di Lascio neste contexto. É intrigante, todavia, que mais de 30 anos se passaram sem que sua obra tenha sido alvo de um estudo específico e aprofundado, também carecendo de uma adequada e sistemática documentação.

\* Filipe Valentim Afonso é Arquiteto e Urbanista, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-1889-049X>>. Maria Berthilde de Barros Lima e Moura Filha é Arquiteta e Urbanista, Professora da Universidade Federal da Paraíba, ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-7409-102X>>.

Portanto, em relação à investigação da obra deste arquiteto enfrenta-se um problema duplo, um de ordem histórica e outro de ordem historiográfica (WAISMAN, 2013, p. 4-5). Quanto ao primeiro, na medida em que se pesquisou através da literatura local a produção do arquiteto, percebeu-se que se conhecia uma amostragem reduzida de obras. Inicialmente foram contabilizadas 19 residências do arquiteto: sendo 09 delas exploradas e analisadas por estes estudos e as demais 10 edificações apenas citadas no corpo do texto. Como destaque, dentre as mais recorrentes, tem-se as moradias Lourenço Miranda Freire (1958) e João Cavalcante (1960), consideradas emblemáticas para a produção moderna paraibana por fazerem referência a elementos marcantes da arquitetura moderna brasileira de matriz carioca, tais como os pilotis, volume trapezoidal,

janelas em fita, pilar em V, brises e assim por diante (figura 1). Além disso, demonstram como essa arquitetura se difunde e é recepcionada pela sociedade, tendo importante papel no discurso de construção de uma cidade moderna (CHAVES, 2012). Porém, a partir dos levantamentos realizados nesta pesquisa, o corpus final do estudo chegou a um total de 69 projetos catalogados, no mesmo intervalo temporal, na cidade de João Pessoa.

Tal ampliação de dados, por sua vez, resulta em alterações na própria percepção sobre a produção de Di Lascio no contexto paraibano, significando também um problema de ordem historiográfica, uma vez que gera questionamentos acerca dos modos como determinados projetos foram selecionados, (re)conhecidos e interpretados ao compor a narrativa sobre a arquitetura moderna local. No geral, a produção moderna na Paraíba foi vista à luz de um possível alinhamento com soluções canônicas a nível nacional, interessando a presença de determinadas formas, soluções espaciais e sistemas construtivos, tal qual obras de grandes nomes do Movimento Moderno, como Niemeyer, Reidy e Artigas, para citar alguns. Quando não seguiam preceitos claros e bem estabelecidos a partir deste referencial, não eram incluídos nestes trabalhos – situação de muitas das edificações do arquiteto em estudo.

De certo modo, esta comunicação vai abordar esses dois âmbitos. De um lado, o da história, ao apresentar as fontes e procedimentos que sanaram uma lacuna histórica e ao localizar os arquivos existentes e faltantes na investigação por compor o acervo arquitetônico de Mário Di Lascio, constatando e registrando, com isso, projetos até então desconhecidos. E de outro lado, o da historiografia, ao discutir o papel destes documentos e de alguns de seus esquecimentos como parte de uma trama que pode ser questionada e ampliada, com novos olhares e outros tipos de bases documentais.

A estrutura desse texto segue uma lógica que parte dos levantamentos em fontes mais tradicionais e concretas, como bibliografias e arquivos oficiais; seguindo para levantamentos físicos nas edificações, com um olhar mais sensível às características de cada obra e sua materialidade. Após esta abordagem se discute fontes mais subjetivas e menos usuais: as entrevistas com o arquiteto e alguns de seus antigos clientes e pormenores em documentos fragmentários, os quais ajudam a tecer uma trama, reunindo os demais dados. O processo para constituir esta trama aponta múltiplas camadas, nas quais pode-se trazer contribuições significativas de caráter metodológico e histórico.

**Figura 1:** Fachadas das residências Lourenço Miranda Freire (1958) e João Cavalcante (1960).  
Fonte: Acervo Fúlvio Pereira.



## A caça ao tesouro: sobre a investigação nos arquivos

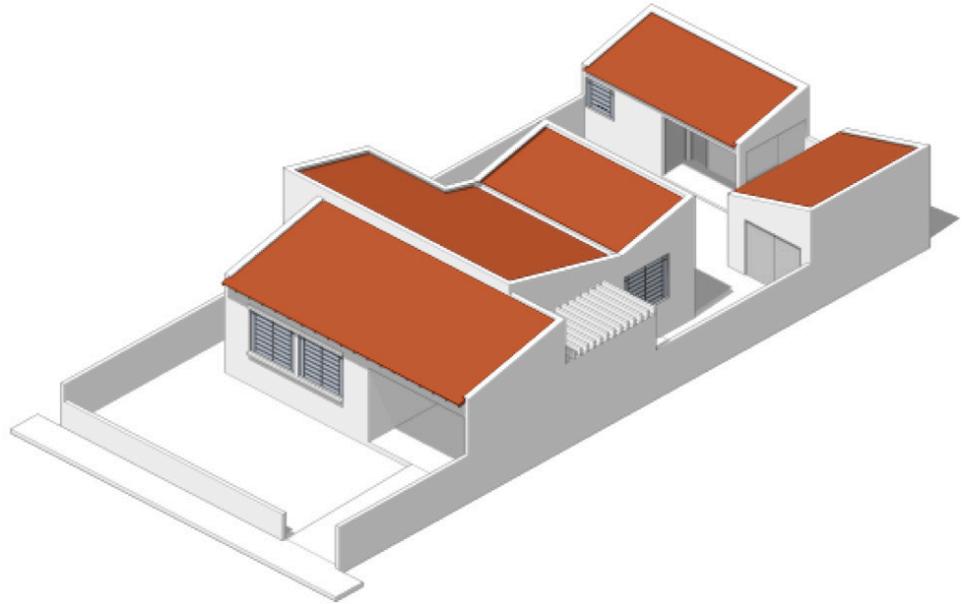
Nesta seção será discutido um dos principais tipos de fonte que compõe o *corpus* central da pesquisa sobre a obra residencial de Mário Di Lascio, a qual denominamos como “arquivo morto”. Este termo, foi apropriado da antiga forma de organização de documentos, de caráter físico, não digital. Àquela época, os documentos eram separados entre um arquivo ativo, que guardava tudo que ainda era necessário para consulta cotidiana; e o arquivo morto, onde eram depositados aqueles que muito raramente seriam procurados, mantidos apenas como uma memória das instituições, que a poucos interessava.

Assim, foram os seguintes “arquivos mortos” consultados: os processos de aprovação para construção localizados no Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa; registros pessoais do próprio arquiteto ou de outros indivíduos (pesquisadores, clientes, parceiros profissionais); e o banco de dados do laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM/UFPB), em que constam levantamentos realizados pelo grupo de pesquisadores.

No entanto, antes de avançar sobre esta pesquisa documental, foi realizada uma revisão de literatura, que possibilitou reunir um conjunto de projetos arquitetônicos presentes em publicações que abordaram, de algum modo, a produção do arquiteto. O primeiro levantamento realizado contemplou as casas de Mário Di Lascio apresentadas em pesquisas de mestrado destinadas a estudar a produção moderna na capital paraibana: Pereira (2008), Araújo (2010), Costa (2011) e Chaves (2012). O arquiteto então reaparece em três artigos publicados nos Seminários DOCOMOMO Norte-Nordeste (PEREIRA, 2010; NASLAVSKY e MARQUES, 2011; TINEM, COTRIM e VIDAL, 2012); bem como, mais significativamente, em dois Trabalhos Finais de Graduação (ROCHA, 1987; AFONSO, 2016). No levantamento inicial localizam-se 19 projetos residenciais entre os anos de 1957 e 1979 (tabela 1).

**Tabela 1:** Levantamento das obras de Mário Di Lascio em pesquisas acadêmicas. Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Residência (proprietário)	Ano	Localização	Autores								
			ROC	PER	CHA	ARA	COS	NM	CVT	AFO	
01 Ivan Cavalcanti	1957	Bairro Centro									
02 Clodoaldo S. de Oliveira	1958	Cabo Branco									
03 Lourenço M. Freire	1958	Centro	o	•	•				o	o	
04 José Pinheiro	1960	Cabo Branco						•			
05 Mario Grissi Faraco	1960?	Manaíra						•			
06 João Cavalcante	1960	Centro		•	•						
07 Roberto Granville	1960	Cabo Branco		o	o						
08 Maurílio A. de Almeida	1961	Cabo Branco									
09 Adrião Pires Bezerra	1963	Av. Epitácio Pessoa	o								
10 José Bronzeado S.	1963	Av. Epitácio Pessoa			•						o
11 Diocélio Nascimento	1963	Av. Epitácio Pessoa									o
12 Adjanits M. de Melo	1963	Av. Epitácio Pessoa									
13 João Soares de Carvalho	1965	Av. Epitácio Pessoa									o
14 Everaldo V. dos Santos	1969	Torre		•							o
15 José Farias Neves	1973	Av. Epitácio Pessoa		•							•
16 Gilson Espínola Guedes	1974	Cabo Branco						•			
17 Francisco Xavier S.	1975	Cabo Branco					•				•
18 Laureano Casado	1977	Av. Ruy Carneiro					•				•
19 Múcio Antônio Souto	1979	Cabo Branco					o				•
• Análise. Os projetos são discutidos, analisados, criticados, etc.											
o Descrição. Os projetos são descritos textualmente ou visualmente sem aprofundamento.											
Citação. Os projetos são apenas mencionados no texto, sem desenvolvimento sobre a obra.											
Pesquisas: ROC (Rocha, 1987). PER (Pereira, 2008). CHA (Chaves, 2012). ARA (Araújo, 2010). COS (Costa, 2011). N,M (Naslavsky e Marques, 2001). C,V,T (Cotrim, Vidal e Tinem, 2012). AFO (Afonso, 2016).											



**Figura 2:** Maquete digital da casa para Ivan Cavalcanti (1957). Fonte: Elaborado pelo autor a partir de desenhos cedidos por Ivan Cavalcanti Filho (2019).

A partir dessa tabela, teve início nova etapa da pesquisa, mergulhando nos documentos e memórias que guardam a obra do arquiteto em pauta. Do ponto de vista quantitativo, a principal base de dados a contribuir nesta investigação foram os processos de aprovação para construção localizados no Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Nele, em meio a mais de cem caixas-arquivos puderam ser localizados e contabilizados 39 projetos residenciais construídos até o ano de 1980, dos quais grande parte apresentava-se em forma de projeto básico, isto é, contendo plantas-baixas, cortes e fachadas.

Somando a esses levantamentos, podemos ainda contar com a pesquisa em arquivos pessoais. Como resultado dessa busca, lacunas foram sendo preenchidas, aqui lembrando que o primeiro projeto residencial de Mário Di Lascio, apesar de citado em um trabalho acadêmico, nunca foi ilustrado. Até então a residência não havia sido apresentada, decerto pela ausência de material gráfico sobre ela, e, talvez, pelo contraste com as casas que Di Lascio projetaria em seguida. Todavia, através do projeto de reforma do imóvel em posse do Sr. Ivan Cavalcanti Filho foi possível reconstruí-lo digitalmente, servindo como um novo ponto de partida para trilhar o caminho da produção do arquiteto (figura 2).

Também foi avaliado o acervo do próprio arquiteto, o qual não foi preservado de forma sistematizada e completa, tendo em vista que em meio a mudanças e perdas, Di Lascio salvaguardou apenas alguns exemplares de sua vasta produção. Nesse material, contudo, foi possível obter dados referentes a projetos inéditos, como a casa de Pedro Moreno Gondim, de 1965 (figura 3), a qual não consta em outras fontes. Tal obra se diferencia das formas empregadas pelo arquiteto neste período graças à sua composição volumétrica, em particular pela cobertura, conservando, todavia, o

uso de varandas e de amplos planos de esquadrias protegidas por brises, treliças e venezianas de madeira, os quais alinham a morada à ideia de síntese entre tradição e modernidade, presente no discurso da arquitetura moderna brasileira.

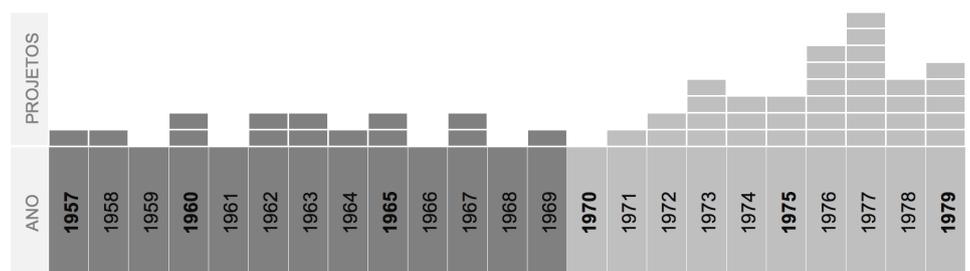
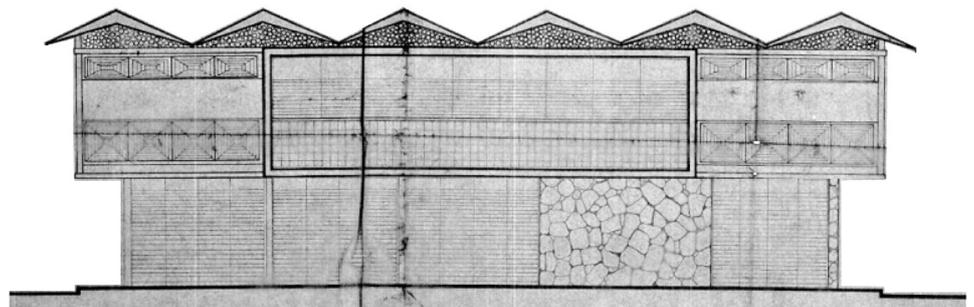
Também foi concedido acesso ao arquivo pessoal do arquiteto Fúlvio Pereira, em que constam fotografias e levantamentos físicos de outras moradias, tais como a destinada a Cláudio Paiva Leite, de 1972. Estes dois projetos mencionados são exemplos de obras que foram demolidas ou descaracterizadas, as quais também não possuem registros em acervos oficiais. Assim, tais tipos de dados implicam em contribuições inéditas para a catalogação da produção do arquiteto, na medida que possibilitaram descobrir verdadeiras pérolas escondidas, em estado bruto, esperando serem lapidadas.

Assim, é importante constatar a ampliação numérica de projetos de autoria de Mário Di Lascio: somando todos os levantamentos foi possível catalogar 69 projetos residenciais neste intervalo de 1957 a 1980, dos quais 50 deles apresentam uma considerável quantidade e qualidade de informações, sendo usados como subsídios para a pesquisa.

A partir destes levantamentos também percebe-se uma divergência com resultados obtidos na revisão da historiografia local tomadas como ponto de partida: apesar dos projetos da década de 1960 serem mais estudados e apresentados nos textos conforme discutido inicialmente (das 19 residências citadas na literatura local, 14 foram edificadas antes de 1970, conforma indica a tabela 1, apresentada anteriormente), na realidade, a década seguinte se revela quantitativamente mais produtiva, quando se observa o acervo ampliado de obras, fruto dos demais levantamentos documentais (tabela 2).

**Figura 3:** Fachada leste da casa Pedro Moreno Gondim, de 1965. Fonte: Acervo pessoal do arquiteto Mário Di Lascio.

**Tabela 2:** Quantidade de projetos residenciais por ano (universo de 50 casas). Fonte: Elaborado pelo autor (2019).



Logo, uma primeira possível leitura sobre o conjunto edificado composto por 50 casas unifamiliares pode ser feita através de uma verificação quantitativa e cronológica, visto que pode se entender que a “cronologia serve para estabelecer o ‘antes’ e o ‘depois’, e nesse sentido é [...] um primeiro princípio classificatório aplicado ao processo temporal” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 342). Instrumentalmente, essa leitura inicial permite construir “uma espécie de malha, de rede ou grelha, de grade, na qual se situam ou classificam os acontecimentos sucedidos”, ajudando a formular considerações gerais sobre desenvolvimento da produção residencial de Di Lascio ao longo do tempo (ARÓSTEGUI, 2006, p. 342).

Nota-se que a produção de Mário Di Lascio não segue um ritmo tão constante: há uma queda no número de projetos residenciais na segunda metade da década de 1960, constando apenas três projetos nesse tempo (1966 a 1970); e um aumento substancial nos últimos anos da década de 1970 – como exemplo, entre 1977 e 1979 catalogou-se 17 imóveis. É possível entender este fato a partir de duas hipóteses distintas, uma de caráter historiográfico, e outra, histórico.

Em primeiro lugar, pode-se justificar a diminuição identificada pela própria natureza das fontes investigadas. Dentre elas merece destaque os estudos acadêmicos locais, os quais reúnem um significativo número de evidências sobre a arquitetura concebida por Mário Di Lascio. Em suma, estas pesquisas estão interessadas em estudar o primeiro momento de difusão de arquitetura vinculada ao Movimento Moderno na Paraíba – um período que coincide com o início da atividade profissional de Di Lascio, em 1957. Por conseguinte, os seus primeiros anos de atuação, nos fins dos anos 1950 e início da década de 1960, acabaram por ser mais esmiuçados na historiografia local.

Além disso, pesquisas como as de Fúlvio Pereira (2008), realizada há mais de 10 anos atrás, possuíam mais facilidades em obter informações relativas aos projetos arquitetônicos, visto que estavam mais preservados na cidade, tanto os imóveis, quanto a memória dos clientes e de outros personagens que contribuíram para o reconhecimento e registro dessa produção mais antiga – o que é comprovado pela presença de diversas entrevistas e fotografias das referidas edificações em estado de conservação mais íntegros do que as encontradas entre 2018 e 2020.

Por outro lado, os projetos após 1972 constam, majoritariamente, no Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa, o qual não conserva muitos documentos anteriores à década de 1970. Na realidade, somente a partir de 1974 os processos de aprovação de projetos passaram a ser arquivados de modo sistematizado e são complementados por alvarás de construção, “habite-se” e boletins de classificação. Por esta razão, Araújo (2010), ao estudar a experiência residencial moderna em João Pessoa, propõe focar-se na segunda metade da década de 1970, exemplificando o peso desses documentos materiais nos encaminhamentos das pesquisas e na escrita da história.

Em segundo lugar, pode-se entender a inflexão no ritmo de produção de Mário Di Lascio sobrepondo os dados históricos obtidos no estudo de sua biografia, cujo processo de escrita será aprofundado mais a frente. O intervalo em que se identificou uma baixa quantitativa dos projetos de arquitetura doméstica corresponde a um momento de alta em projetos institucionais e em intervenções urbanas: é em 1969, por exemplo, que realiza obras como a sede da Divisão de Instalações Prediais da SANECAP e em

que assume o projeto de reforma da Praça Vidal de Negreiros, distinguindo uma fase em que estaria à frente de ações no Centro Histórico da cidade de João Pessoa.

A esse dado concorre a noção de que o período correspondente aos fins dos anos 1960 e início de 1970 verificam-se esforços dos poderes públicos em reestruturar a cidade, procurando modernizá-la. Embora Di Lascio trabalhasse como consultor da Prefeitura desde 1954, é possível que sua demanda no órgão nesse momento tenha se ampliado, de modo a interferir em sua atuação voltada ao setor privado. Em entrevistas, Mário Di Lascio relembra como neste período se viu a frente de variadas e paralelas frentes de atuação, o que pode justificar a existência de poucos projetos residenciais no recorte temporal entre 1966 e 1971.

Considerando esse espaço de tempo como um intervalo na sua obra, podemos delinear outras duas fases na sua produção, quase que temporalmente equivalentes: uma fase de 1957 a 1965, correspondendo aos anos iniciais da produção de Mário Di Lascio e sendo mais revisitada pela literatura local; e outra de 1972 a 1979, um momento que o arquiteto seguiu por variadas linhas de atuação, sendo esta última a menos discutida, tendo em vista que contempla muitos projetos arquitetônicos até então desconhecidos (ou, talvez, esquecidos).

Portanto, esta montagem de informações procedentes de distintas fontes, amplia as hipóteses e possíveis compreensões sobre a obra de Mário Di Lascio, na medida que sugere mudanças na sua trajetória profissional e traz projetos inéditos em seu acervo projetual. Por sua vez, tais considerações são preliminares, fruto de reflexões sobre as fontes trabalhadas, sem necessariamente adentrar em investigações mais analíticas acerca das residências – o que aponta o potencial destes documentos.

### **A vida e morte dos documentos: alguns achados e perdidos**

Após a catalogação dos tesouros encontrado no arquivo morto, seguiu-se uma nova investigação visando complementar o acervo projetual de Mário Di Lascio. A fonte averiguada foi denominada de “arquivo vivo”, referindo-se aos projetos construídos e ainda íntegros na cidade, os quais podem ser fotografados e experienciados. Considerou-se a casa como um documento vivo pois carrega consigo características do tempo e do lugar onde foi construída, individualidades de quem a habitou e a edificou (como habitava e como construía). Sendo assim, para além da função de abrigo e morada, a arquitetura é um documento histórico, ao “ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)”, como assinala Le Goff (2013, p. 536).

Diante dessas considerações, evidencia-se o caráter dinâmico da arquitetura residencial, que se molda e refaz-se de acordo com características distintas de cada momento de sua existência, uma qualidade que a faz parecer pouco relevante para olhares desatentos, mas que, na realidade, reforça seu papel como documento:

*O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2013, p. 548)*

Diante disso, tanto casas encontradas nos “arquivos mortos”, ou as visitadas *in loco*, são como páginas escritas, as quais, nas entrelinhas, se complementam e apontam algumas pistas para se responder as questões lançadas em pesquisa, conectar narrativas e preencher lacunas históricas.

Através das casas remanescentes na cidade foi possível um registro visual e apreensão mais detalhada das decisões projetuais, podendo-se focar nos detalhes construtivos, nos revestimentos de época e, ainda, nos ajustes e mudanças entre o projeto concebido e o executado. Além disso, na vivência dos espaços também pôde-se perceber algumas características espaciais da arquitetura residencial moderna adotadas na obra de Mário Di Lascio.

Como exemplo desse levantamento mais minucioso, pode-se observar a residência de número 600, construída na Avenida Eptácio Pessoa, em 1962, destinada a Diocélio Nascimento. Os desenhos arquitetônicos encontrados no arquivo do arquiteto representam alguns materiais empregados como revestimento nas fachadas (figura 4), onde destaca-se a leitura dada ao emprego da pedra natural, proposta como recobrimento de grandes superfícies, contrastando sua rusticidade com as linhas esbeltas dos caixilhos e a leveza das esquadrias. Porém, estes desenhos omitem e simplificam outros materiais marcantes na imagem da edificação, os quais expressam uma série de tendências que estavam em voga naquela época de construção: os revestimentos litocerâmicos nas tonalidades de vermelho e amarelo, as pastilhas brancas, os painéis de azulejos decorados. E, ainda, os variados revestimentos aplicados nos pisos, ora amadeirados em forma de tacos e *parquet*; ora cerâmico; ora em marmorite polido, aplicado de modo tradicional, formando malhas em tons de branco e preto, mas também numa disposição mais rústica, chamada mosaico veneziano no mercado local da construção civil daquela época.

**Figura 4:** Residência nº 600, no arquivo morto e vivo, respectivamente. Fonte: Acervo pessoal do autor (2018).

Junto à materialidade e expressividade das fachadas, o registro fotográfico da edificação também destaca o acoplamento visual entre as portas e as janelas, que concorreu para esquadrias de piso a teto ocupando extensos vãos e formando panos





**Figura 5:** Vista aérea de João Pessoa de 1969. Ao centro, o 'Esporte Clube Cabo Branco', (Borsoi). À direita, três casas projetadas por Mário Di Lascio. Fonte: Acervo Humberto Nóbrega.

<sup>1</sup> Alguns autores como Pereira (2008), Costa (2011) e Chaves (2012) abordaram em seus estudos casas concebidas por Mário Di Lascio, mas questionam soluções arquitetônicas apresentadas em alguns projetos, tidas como "fachadismos" ou "mascaramentos" – soluções que parecem aludir a uma linguagem mais moderna nas fachadas mais visíveis das edificações, e não na integralidade do projeto. Tal tema foi discutido mais amplamente na dissertação na qual este artigo se baseia.

de fachada, possíveis graças ao esqueleto de concreto armado – soluções caras à arquitetura moderna, expressas de forma singela na fachada frontal do projeto, sendo mais evidentes em sua elevação lateral. No entanto, indo além de uma leitura técnica da construção, a experiência ao visitá-la e o registro mais completo de seu interior ressalta a amplitude dos espaços e a extensa difusão da luz, de modo simultâneo, sobre superfícies de materiais distintos. O que se verifica, logo, é que o arquivo vivo possibilita aproximar-se da noção de habitar moderno, aspecto por vezes polêmico entre os autores locais que observaram algumas das obras de Mário Di Lascio<sup>1</sup>.

Apesar das contribuições do arquivo vivo, investigá-lo é um desafio. De um lado, têm-se as limitações de acesso aos imóveis, por se tratar, em geral, de bens privados e ligados à intimidade doméstica. De outro, o estado de conservação dos exemplares: das 50 edificações catalogadas apenas 20 imóveis encontram-se em bom estado de preservação; as demais foram demolidas (17) ou estão descaracterizadas (13). Assim, a significativa perda destes documentos, ao longo dos últimos anos, e as dificuldades de acesso aos mesmos leva-nos a lidar com um mínimo de informações, muitas vezes apenas os desenhos arquitetônicos, fotos das fachadas obtidas em versões antigas do *Google Street View* ou levantamentos de outrem. Perante tais circunstâncias, vê-se esses documentos no limiar entre vida e morte, agonizantes e moribundos diante dos processos de descaracterização e/ou arruinamento.

Como exemplo desse processo aponta-se o mapeamento das obras do arquiteto construídas ao longo da Avenida Epitácio Pessoa, na cidade de João Pessoa. Em entrevistas, o arquiteto foi capaz de listar 11 projetos seus destinados à avenida, os quais se perderam os registros. Mas, algumas das obras pontuadas pelo arquiteto foram ao menos identificadas em fotografias aéreas da cidade, dando vida às suas memórias relatadas e permitindo situar, por exemplo, a casa destinada ao seu irmão Hermenegildo Di Lascio Filho – situada ao lado do 'Esporte Clube Cabo Branco', em primeiro plano na figura 5.

Ao todo, de 11 possíveis edificações construídas no trajeto, apenas seis exemplares foram efetivamente documentados, sendo a residência Diocélio Nascimento (1962) a única a ser registrada com fotografias e visitada presencialmente; no entanto, este exemplar foi totalmente descaracterizado em 2020. Assim, as experiências aqui relatadas não são mais verificáveis, sendo grande parte dessas edificações acessadas atualmente apenas por meio dos seus “arquivos mortos”: redesenhos, fotografias, maquetes. As demais foram demolidas ou descaracterizadas para adequação a novas funções, ao longo de anos anteriores. Daí um contraste entre esses dois tipos de arquivos: de um lado o morto, possibilitou novos achados; do outro, o vivo, fez constatar as numerosas perdas.

Tais dados assinalam a relevância desta pesquisa enquanto meio para salvaguardar a memória dessa produção arquitetônica. Assim como no caso das obras situadas na Avenida Eptácio Pessoa, tomada como exemplo anteriormente, moradias localizadas em outros bairros da cidade passaram pelas mesmas processos de transformação, que também significa um processo de óbito deste documento, o qual aos poucos vai sendo modificado até não possuir traços da sua forma ou espacialidade original.

### **Os contadores de histórias: falas como documento**

Conforme mencionado anteriormente, as falas do arquiteto foram fundamentais para construir sua trajetória profissional e a documentação de sua obra. Cada novo projeto mencionado instigou a curiosidade, provocou a busca de mais informações, ainda que estas fossem vagas e fragmentadas. A exemplo, os referidos projetos de residências situadas na Avenida Eptácio Pessoa, surgindo nos relatos do arquiteto, estimulou um olhar mais aprofundado sobre fotografias panorâmicas deste trajeto datadas dos anos 1960 e 1970, em busca de pormenores que revelassem suas casas esquecidas.

Na verdade, a partir da fala do arquiteto foi possível costurar informações antes soltas: entender como se dava a circulação de ideias sobre a produção da arquitetura; como era seu modo de projetar; como se estabelecia a sua relação com os clientes, alguns dos quais, também trouxeram relatos sobre o arquiteto e suas moradias.

A coleta deste tipo de dado fundamenta-se nos instrumentos dialógicos das entrevistas semiestruturadas individuais, as quais foram realizadas com o próprio arquiteto e alguns dos proprietários das residências que projetou. Tal tática pode mostrar valores, normas e símbolos específicos de cada contratante e do próprio projetista, ou ainda, apontar informações objetivas e subjetivas novas acerca do fato histórico – isto é, da concepção, construção e utilização das moradias, como assinala Alberti:

*[...] acreditamos que a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, nem tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade – e a da história oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. (ALBERTI, 1990, p.5)*

Apesar das contribuições, a utilização do testemunho direto oral é ainda vista por muitos com ressalva, pois a confrontação das perspectivas do usuário e do projetista

pode mostrar ambiguidades e inconsistências devido aos interesses individuais dos entrevistados. Entretanto, no debate mais contemporâneo da história, “as possíveis distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa” (FERREIRA, 2002). Assim, ao procurar subsídio na memória destes sujeitos, considera-se que quando trazem uma percepção do presente sobre seu próprio passado, os entrevistados podem ter modificado, filtrado ou mesmo esquecido detalhes da realidade vivida.

Apesar dessas ressalvas, a entrevista trouxe a possibilidade de ampliar e rediscutir algumas percepções preestabelecidas sobre a obra de Di Lascio, e mesmo as eventuais divergências nos relatos serviram para “representar dois relatos perfeitamente válidos a partir de pontos de vista diferentes, os quais, em conjunto, proporcionam pistas essenciais para a interpretação verdadeira” (THOMPSON, 1992, p. 307) e uma compreensão mais ampla sobre as inter-relações entre cliente-projetista, tão pouco estudadas no campo da arquitetura.

Tendo em vista essas diferenças, para cada perfil entrevistado foram aplicadas diferentes procedimentos e perguntas. As entrevistas com Mário Di Lascio ocorreram de maneira contínua ao longo de vários encontros. No processo, o arquiteto, com então 90 anos de idade, agiu como um contador de histórias, na medida em que se debruçava sobre situações singulares vivenciadas com clientes e parceiros profissionais. Durante o processo de entrevista foi interessante observar comportamentos e sentimentos que emergiam a partir a rememoração de fatos vividos, sendo possível pontuar os momentos de maior entusiasmo e riso nas falas, bem como as pausas e silêncios, podendo significar saudades e censura acerca das histórias contadas.

Com efeito, por mais que as entrevistas semiestruturadas tivessem sido montadas em temas voltados a entender aspectos mais gerais da sua história de vida, seu embasamento teórico (formação acadêmica, livros e revistas de referência) e prático (experiência profissional no desenvolvimento de projeto e execução de obras), bem como, aspectos mais específicos, destinados à discussão de algumas edificações; na realidade, durante os depoimentos muitas vezes era destacado o lado mais afetivo e sensível da atividade profissional, expresso mais fortemente nas situações vividas nos “bastidores” da concepção dos projetos e nos canteiros de obras.

Foi através das falas do arquiteto que se percebeu, por exemplo, que no início de sua trajetória profissional havia uma rede de contatos pessoais e de relações profissionais pré-estabelecidas – seu sobrenome estava atrelado à sociedade e ao setor da construção civil graças às raízes plantadas por seu pai<sup>2</sup> anteriormente no cenário da construção civil de João Pessoa.

Os primeiros projetos são frutos, principalmente, dessa rede de relações diretas ou indiretas de maior afinidade pessoal. Seu primeiro projeto, a casa destinada ao dentista Dr. Ivan Cavalcanti, lhe foi encomendado por intermédio de seu irmão mais velho, que também era dentista. Nos anos seguintes, projetos como o da casa para João Cavalcante (1960) e Everaldo e Conceição Vieira (1969) sucediam de relações familiares, visto que eram cunhados de Di Lascio. Tal proximidade podia gerar acordos informais, que tinham peso na execução de soluções mais arrojadas, como ocorreu com a casa de João Cavalcante, algo relatado pelo arquiteto:

<sup>2</sup>Hermenegildo Di Lascio (1884-1957) arquiteto de origem italiana, formado na Argentina, desde 1916 havia se instalado na cidade de João Pessoa firmando uma carreira profícua que abrangeu obras públicas e privadas. Expressou-se, inicialmente, por meio do ecletismo, cujo vocabulário tomava de referência diversos elementos do passado. Essa abordagem pode ser exemplificada em palacetes, na Sede dos Correios e Telégrafos (1927, Praça Pedro Américo – autoria incerta), na Loja Maçônica Branca Dias (1918, Av. General Osório), Imóvel nº 206 (Av. Maciel Pinheiro), etc. Posteriormente, abandonou o excesso de ornamentos e aderiu a uma limpeza formal. Como exemplo, projetou, em Art Déco, a Capitania dos Portos (ano 1939, na Rua Barão do Triunfo).

*João você é meu cunhado, vou fazer essa casa para você, não lhe cobro um tostão, em compensação eu lhe cobro da minha parte a obediência de você não mexer num tijolo, numa cerâmica, em nada. Depois de morar pode quebrar ela todinha, mas até você ir morar nela e usar a casa, tem que ficar exatamente de acordo com o projeto. (DI LASCIO, junho de 2018)*

Assim, ao apontar alguns fatores importantes para o ofício, mais especificamente o de desenhar espaços domésticos, é importante levantar a questão da proximidade com o cliente e o modo como este tomou conhecimento de seu serviço. Com efeito, tais relações servem como um primeiro filtro, ao demarcarem algumas liberdades projetuais, influenciando diretamente a realidade da prática. Ao listar os clientes de Mário Di Lascio e analisar suas falas obtidas em entrevistas é possível perceber sua proximidade com políticos, comerciantes, médicos. Em seus relatos é notório o tom de nostalgia e carinho ao referenciar, em alguns casos por apelidos, muitos personagens como o governador Pedro Gondim, um dos alfaiates mais tradicionais da cidade, Mário Grissi Faraco, e os comerciantes Adrião e Creusa Pires.

Apesar disso, é praticamente impossível mapear todas essas ligações. De forma geral, estudando o conjunto de sua obra entre 1957 e 1979, é possível notar uma mudança no perfil de afinidades através das próprias falas do arquiteto: nos anos 1970, período em que sua clientela amplia e diversifica, aumentam-se também a quantidade de contratantes com relações um pouco mais distantes, os quais Mário Di Lascio não se relembra muito e que possivelmente o procuraram devido ao seu reconhecimento já consolidado na cidade.

Passando à perspectiva dos proprietários, foi importante entender aspectos gerais da vida pessoal e profissional destes personagens, a fim de contextualizar o momento de construção de suas residências. Outra busca relevante se deu com indagações sobre a relação deles com o projetista durante a fase de concepção, isto é, o cumprimento dos desejos pessoais, frente às intenções do arquiteto, bem como a forma de exposição das ideias (se houve visitas a outros projetos, apresentação de revistas etc.).

Como exemplo deste tipo de investigação, abaixo são apresentados extratos de uma entrevista realizada com uma cliente de Mário Di Lascio, ao qual encomendou uma residência à beira mar do bairro Cabo Branco, na cidade de João Pessoa, entre 1978 e 1979. A cliente relata sobre o processo de concepção do projeto:

*O primeiro anteprojeto que ele nos apresentou foi um anteprojeto mais tradicional, digamos assim. E aí eu acho que eu o instiguei. Ai na hora saiu sem querer, [...] que poderia 'ser algo mais diferente', se bem que eu também não sabia ao certo o que eu queria. [...]. Nesse primeiro anteprojeto eu mostrei a minha vontade de ter um maior diferencial. [...](SOUTO, 2018)*

Em seguida, ao decorrer sobre a definição da estética da sua residência, a cliente afirma que Mário Di Lascio trazia imagens de outros projetos, por meio de revistas que ilustravam construções de Brasília, se configurando como uma referência que vai se refletir de modo bem específico no projeto – apenas no primeiro bloco em pilotis, voltado para a rua, o qual apresenta-se em concreto aparente. No restante da residência permanecem soluções mais tradicionais, fato observado na fala do proprietário e nos registros da obra (figura 06):



**Figura 6:** Bloco frontal e posterior da residência no bairro Cabo Branco. Fonte: Fotografias do Acervo Fúlvio Pereira; redesenho da elevação lateral pelo Banco de dados do LPPM.

*Eu acho que ele quis dar aquela concepção mais arrojada, estilo Brasília, não sei como vocês arquitetos chamam isso, mas que usavam materiais mais aparentes, concreto aparente, tijolo aparente. O primeiro bloco é todo de concreto aparente: as fachadas e os pilares. E aí, não sei bem, confesso que não lembro por que o segundo bloco não acompanhou tanto. [...] Foi muito caro o primeiro bloco, aquele concreto aparente difícil de fazer. [...] A mão de obra especializada para fazer o concreto aparente, a gente trouxe uma pessoa de fora, ela fez, tipo assim, o pontapé inicial, e depois foi embora. [...]* (SOUTO, 2018)

O relato do proprietário deixou pistas para esclarecer alguns pontos que geralmente não são possíveis de apreender em fontes oficiais, por exemplo, sobre o processo de escolha e compra do terreno, as motivações por trás da contratação do arquiteto; e, no caso dos exemplos transcritos, a existência de outras versões do projeto rejeitadas, as intenções e demandas específica da família. Ao destacar “Foi muito caro o primeiro bloco, aquele concreto aparente difícil de fazer” é possível conjecturar dificuldades enfrentadas durante a construção, as quais podem estar relacionadas à falta de mão de obra qualificada para executar técnicas mais modernas à época de execução da obra. Interessante observar que apesar das informações serem específicas de um caso individual, também revelam indícios de um quadro maior na construção civil da cidade, compatível com percepções encontradas nas falas de outros entrevistados e expressas igualmente na própria arquitetura que foi analisada posteriormente na pesquisa.

O resgate das memórias destes sujeitos, trazendo suas vozes e deixando-os livres para contar suas histórias, além de valorizar suas trajetórias funcionou como um elo entre a narrativa construída acerca da produção de Mário Di Lascio. Dos aspectos mais subjetivos, aos dados mais objetivos oriundos dessas falas, foi possível despertar a atenção à sinais que apenas estudando o arquivo morto ou vivo talvez não fossem tão evidentes. Sob esse ponto de vista, o peso da voz do cliente parece ter conduzido, de algum modo, a produção residencial de Mário Di Lascio, ilustrando nuances da prática profissional que fazem questionar a liberdade criativa e conceitual do projeto face às

demandas do cliente e as limitações próprias do tempo e lugar de sua concepção. Sobre este ângulo, o depoimento oral se revela como uma fonte documental potente para discutir problemas de pesquisa de ordem histórica e historiográfica.

### **Por entre arquivos, os pormenores: algumas considerações**

Ao decorrer da revisão dos tópicos acima pôde-se fazer uma paulatina complementação de informações por entre os diferentes tipos de fontes exploradas. A princípio utilizou-se de uma revisão de literatura para se fazer um reconhecimento inicial sobre a obra de Mário Di Lascio. Em seguida, fez-se uma verdadeira caça ao tesouro em arquivos mortos, o que possibilitou ampliar esse universo encontrando exemplares inéditos e organizando-os de uma forma sistemática. Com o consecutivo levantamento dos arquivos vivos sentiu-se o espaço, percebeu-se a luz, cores e texturas – deu-se vida à percepção das casas, gerando registros mais completos, ao passo que também pôde-se constatar o óbito de muitas destas arquiteturas. Com os testemunhos orais obteve-se informações sobre aspectos biográficos do arquiteto, bem como, resgatou-se a memória de quem vivenciou estas construções – evidenciando conexões entre as moradias e o tempo e lugar específico em que pertenciam.

Importante destacar ainda outras fontes investigadas, com contribuições específicas à construção dessa narrativa. Diante das poucas lembranças do arquiteto sobre seu período de formação acadêmica, salvo memórias relativas à proximidade com seus professores de Pequenas e Grandes Composições, Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, foi investigado o acervo do Memorial Denis Bernardes, da UFPE, onde guardam-se registros da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP), escola em que Di Lascio se formou em 1957. Também foram enriquecedoras as matérias em revistas, tanto de âmbito nacional (WOLF, 1988) e local (BARREIROS, 2018), que reafirmavam a relevância do arquiteto, e por meio de entrevistas com Mário Di Lascio, sintetizavam momentos de sua vida e opiniões sobre certos temas.

Documentos oficiais como os processos de aprovação para construção, localizados no Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa, além de possibilitar catalogar exemplares arquitetônicos, apresentam alguns pormenores que enriquecem a construção da trajetória do profissional. Neles estão inscritos os responsáveis técnicos, tanto do projeto quanto da execução da obra, papel assumido por Di Lascio ao menos 18 vezes, segundo nossa sistematização – revelando outra faceta de sua prática profissional. Também apontam os engenheiros civis que trabalharam conjuntamente com o arquiteto: Giovani Batista Freire, Zenon Sampaio, Ronaldo Delgado Gadelha, Ricardo Lombardi, Arnaldo Enoque Silva, Manoel Batista, Diógenes dos Santos Jr., Agripino Bonavides G. De Barros, José F. De Nóbrega, Waldênio Derville Araruna, dentre outros, cujos nomes aparecem nos arquivos, bem como em algumas das histórias narradas pelo arquiteto, merecendo seus devidos lugares na história.

Junto aos processos, constam outros tipos de documentação técnica que fornecem dados sobre o cliente e sua respectiva obra: o status civil, profissão, endereço anterior, custos gerais da obra, índices construtivos. Articulando estes dados e complementando-os com os depoimentos orais foi possível reconstruir um perfil geral sobre a clientela de Mário Di Lascio, fornecendo mais um campo a se explorar em sua biografia.

Estes achados reiteram a contribuição da investigação documental para o problema histórico mencionado inicialmente, na medida em que acrescenta fatos históricos verdadeiros à trajetória de Mário Di Lascio: isto é, novos projetos, circunstâncias de sua concepção e construção, parceiros profissionais, contratantes etc. No entanto, mais do que isso, serve como base para uma operação crítica, concernente a um problema historiográfico, visto que tais fatos históricos fomentam e fundamentam alguns questionamentos sobre os juízos e seleções feitas em relação à sua obra anteriormente. Assim, ao enxergar um acervo projetual ampliado é possível conjecturar a relação causal entre circunstâncias pessoais e profissionais de sua biografia com sua atividade projetiva, e conectar sua arquitetura residencial, decisões projetuais e trajetória individual à contextos mais extensos. Seus projetos arquitetônicos deixam de ser vistos isoladamente – passam a ser imersos numa trama mais complexa.

Finalmente, como pôde-se destacar, por diversas ocasiões trabalhou-se com documentos fragmentários e deformados, arquivos e lembranças incompletas, documentos ainda vivos, mas em óbito. Muitas vezes indícios pontuais, mas dos quais são possíveis identificar razões e explicações que somadas remontam a um quadro mais amplo (GINZBURG, 1989). Através destes documentos foi possível montar uma trama que pode ser percorrida em diferentes camadas e sentidos, em alguns momentos segue por fatos e dados concretos, em outros acompanha memórias, esquecimentos, sentimentos e afetos. Ao sobrepor estas camadas, constitui-se uma trama mais densa, completa e firme; em outras palavras, aproxima-se de uma compreensão mais holística da biografia do arquiteto Mário Di Lascio.

## Referências bibliográficas

- AFONSO, Filipe Valentim. *Um olhar sobre a vitrine: os materiais e as técnicas construtivas das casas edificadas na Avenida Epitácio Pessoa, 1946-1972*. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo(monografia). João Pessoa: UFPB, 2016.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ARAÚJO, Ricardo Ferreira de. *Arquitetura residencial em João Pessoa - PB— A experiência moderna nos anos 1970*. 2010. 137f. *Dissertação* (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BARREIROS, Márcia. *ARTESTUDIO Arquitetos*. João Pessoa: Gráfica JB, 2018.
- CHAVES, Carolina Marques Galvão. *Casa (moderna) brasileira: difusão da arquitetura moderna em João Pessoa 1950-60's*. *Dissertação* (mestrado). São Carlos, 2012
- COSTA, Roberta Xavier da. *Casas modernas na orla marítima de João Pessoa – 1960 a 1974*. *Dissertação* de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. UFRN, Natal, 2011.
- COTRIM, Marcio; TINEM, Nelci; VIDAL, WylInna. Casas de Mario Di Lascio nos anos 1970: rampas, meio níveis e divisão em dois núcleos. *In: Anais do 4º Docomomo Norte Nordeste*. Natal/RN: UFRN, 2012. v. único.
- DI LASCIO, Mário. *Mário Di Lascio: depoimento* [a - 28 de setembro de 2016; b - 21 de outubro, 2016; a - 21 de março de 2017; b - 20 de abril de 2017; c - 17 de maio de 2017; a - 05 de junho de 2018; b - 02 de agosto de 2018; 11 de novembro de 2019]. João Pessoa: entrevistas concedidas ao pesquisador.

FERREIRA, Marieta. História, tempo presente e história oral. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, 2002, p.314-332.

LE GOFF, Jacques. *História & Memória*. 7ª edição revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais (morfologia e historia)*. SP, Companhia das Letras, 1989, p.143-180.

NASLAVSKY, Guilah; MARQUES, Sônia. Recepção x difusão: reflexões para preservação do patrimônio recente. In: *Anais do 9º Docomomo Brasil*. Brasília/DF: 2011.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. *Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. São Carlos: EESC / USP, 2008.

ROCHA, Mércia Parente. *Manifestações da arquitetura moderna em João Pessoa*. Trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1987.

SOUTO, Márcia. *Márcia Souto: depoimento* [06 de maio de 2018]. João Pessoa: entrevista concedida ao pesquisador.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TINEM, Nelci; COTRIM, Márcio. *Na urdidura da modernidade: Arquitetura Moderna na Paraíba*. (Coleção Arquitetura, Historiografia e projeto). F&A editora, João Pessoa: 2014.

WAISMAN, Marina. *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WOLF, José. Vida no 'satélite' verde. In: *AU (Arquitetura e Urbanismo)*. São Paulo, n. 19, p. 64-74, ago/set, 1988.

Recebido [Out. 21, 2021]

Aprovado [Fev. 03, 2022]